

LIBERAL  
AMAZONUse a câmera  
do seu celular  
para acessar  
o conteúdo  
multimídia.DOSSIÊ  
COP30

TOMÉ-AÇU

PARÁ TEM A TERCEIRA

MAIOR COLÔNIA  
JAPONESA  
DO BRASIL**HISTÓRIA** - Descendentes de imigrantes mantêm vivas as tradições e os legados de quem se aventurou a terras amazônicasÁDRIA AZEVEDO  
Especial para O Liberal

**E**m 2025, Brasil e Japão comemoram os 130 anos de suas relações diplomáticas. Em 1895, os dois países assinaram o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação, que iniciou as negociações para o começo da imigração japonesa para o Brasil. O primeiro navio com imigrantes nipônicos chegou em 1908, no porto de Santos, dando o início para o que viria a se tornar a maior comunidade japonesa fora do Japão: a brasileira.

Os primeiros colonos se estabeleceram em São Paulo e no Paraná, atualmente as duas maiores colônias no Brasil. E a Amazônia também é parte dessa história: Pará e Amazonas receberam imigrantes a partir do fim da década de 20 do século passado. Por isso, Tomé-Açu, no Pará, principal cidade amazônica onde se estabeleceram, ocupa o posto de terceira maior colônia do País.

De acordo com Silvio Shibata, ex-presidente da Associação Cultural e de Fomento Agrícola de Tomé-Açu (ACTA) e descendente de imigrantes, o governador paraense Antônio de Souza Castro soube, em 1926, sobre o trabalho japonês no cultivo de café, em São Paulo, e pensou em incentivar a migração também para o Pará, com o intuito de desenvolver a agricultura local. Fez então contato com o embaixador japonês do Rio de Janeiro, com a proposta. Mas foi apenas em 1929, no governo de Dionísio Bentes, que chegou a primeira leva de imigrantes ao estado.

“As primeiras famílias chegaram na região em 22 de setembro de 1929. Foram 42 famílias, compostas por 189 membros, que chegaram ao que na época ainda era o município de Açarã, mas que, com a emancipação, hoje é o município de Tomé-Açu. A promessa do governo paraense foi a doação de um lote agrícola para cada família, para o cultivo de hortaliças, fumo e cacau”, conta Shibata.

Na época, o Japão vivia

uma grande recessão, com muitos habitantes e pouco alimento, então o processo também era de interesse do governo japonês. De acordo com o historiador Tatsuo Ishizu, também descendente de imigrantes, o Japão tinha um projeto expansionista. “Em 1931, por exemplo, o Japão invadiu o norte da China, na região chamada Manchúria, e lá iniciou uma colonização. No mesmo molde, eles pretendiam se implantar aqui na Amazônia”, explica Ishizu. Aliado a isso, havia os recursos e pretensões das empresas nipônicas. “A empresa Kanebo adquiriu terras em Tomé-Açu e Monte Alegre para que os japoneses cultivassem cacau”, completa o especialista.

## MONTE ALEGRE

O outro município que recebeu imigrantes japoneses no Pará foi Monte Alegre, na região oeste do Estado. “A empresa trazia os japoneses para morarem de forma fixa na Amazônia, não era para trabalhar e voltar. A primeira leva, antes da Segunda Guerra, trouxe em torno de 2.400 imigrantes para os dois municípios paraenses. Em Monte Alegre, a proposta era produzir fumo e em Tomé-Açu, cacau. Só que os dois projetos fracassaram e a empresa abandonou os colonos à própria sorte, ainda na década de 30. O resultado foi que a maior parte dos imigrantes de Monte Alegre foi para Tomé-Açu”, relata Ishizu.



CARMEN HELENA OLIBERAL



**De acordo** com o historiador Tatsuo Ishizu, o Japão tinha um projeto expansionista: “A empresa Kanebo adquiriu terras em Tomé-Açu e Monte Alegre para que os japoneses cultivassem cacau”

**According** to historian Tatsuo Ishizu, Japan had an expansionist project: “The Kanebo company acquired land in Tomé-Açu and Monte Alegre so that the Japanese could cultivate cocoa.”

## Região viveu boom e declínio da pimenta

Com a proposta inicial da empresa Kanebo fracassada, os imigrantes de Tomé-Açu começaram a atuar em outra frente. A segunda leva migratória para o município, em 1931, precisou, no caminho, aportar em Singapura, onde um dos imigrantes comprou vinte mudas de pimenta-do-reino. Apenas duas mudas sobreviveram, cada uma plantada por uma família, e o cultivo deu certo. Em 1933, foi criada a primeira cooperativa agrícola do município e a pimenta-do-reino pros-

perou, bem adaptada ao clima e à natureza do Pará. “Na década de 60, Tomé-Açu já tinha mais de 400 mil pimenteiros e se tornou o maior produtor mundial. Era nosso ‘diamante negro’”, ressalta Shibata. Porém, uma praga denominada fusariose acabou dizimando as plantações de pimenta.

## SAFTA

Com toda a sua produção perdida, os imigrantes procuraram outras alternativas de cultivo. Foi aí que, observando o

modo de vida ribeirinho, que tirava seu sustento o ano inteiro de várias plantações diferentes, imitando a forma como as plantas convivem mutuamente na natureza, o japonês Sakaguchi iniciou o plantio de várias espécies frutíferas em consórcio, dando origem ao que hoje se conhece como sistema agroflorestal. Com o auxílio de pesquisadores, como os da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) Amazônia Oriental, aperfeiçoaram o método do plantio de

cacau, açaí, cupuaçu e outras plantas conjuntamente, e se tornaram referência na tecnologia.

“Hoje, temos o mundialmente conhecido Sistema Agroflorestal de Tomé-Açu (Safta). Principalmente com a COP 30 (Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas de 2025) batendo às nossas portas, acreditamos que demos uma grande contribuição, pois são sistemas sustentáveis consolidados, com um histórico de muitas parcerias”, conta Shibata.

PATROCÍNIO

APOIO



DIVULGAÇÃO



The region experienced boom and decline in pepper production

After the Kanebo company's initial proposal failure, the immigrants from Tomé-Açu began working on a different sector. The second wave of immigrants to the municipality, in 1931, had to stop in Singapore, where one of the immigrants purchased twenty black pepper seedlings. Only two seedlings survived, each planted by a separate family, and the cultivation was successful. In 1933, the municipality's first agricultural cooperative was created, and black pepper flourished, well adapted to the climate and nature of Pará. "By the 1960s, Tomé-Açu already had more than 400,000 pepper plants and became the world's largest producer. It was our 'black diamond,'" Shibata emphasizes. However, a pest called fusarium eventually decimated the pepper plantations.

SAFTA

Due to the loss of all their production, the immigrants had to find alternative cultivation options. Observing the riverside lifestyle, which relied on various crops for a year-round living, imitating the way plants coexist in nature, the Japanese immigrant Sakaguchi began planting various fruit species in intercropping, starting what is now known as the agroforestry system. With the help of researchers, such as those from the Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) Amazônia Oriental [Brazilian Agricultural Research Corporation (Embrapa) Eastern Amazon], they improved the method of planting cocoa, açaí, cupuaçu, and other plants together, becoming a reference in the use of this technology.

"Today, we have the world-renowned Tomé-Açu Agroforestry System (SAFTA). Especially with COP 30 event (the 2025 United Nations Climate Change Conference) just around the corner, we believe we've made a significant contribution, as these are established sustainable systems with a history of numerous partnerships," says Shibata.

TOMÉ-AÇU  
Pará is home to the third-largest Japanese colony in Brazil

**HISTORY** - Descendants of immigrants keep alive the traditions and legacies of those who ventured into the Amazon

ÁDRIA AZEVEDO  
Special to O Liberal  
Translated by Ewerton Branco and Sílvia Benchimol (UFPA/ET-Multi)

In 2025, Brazil and Japan will mark 130 years of diplomatic relations. The partnership began in 1895 with the signing of the Treaty of Friendship, Commerce, and Navigation, paving the way for Japanese immigration to Brazil. Just over a decade later, in 1908, the first ship carrying Japanese immigrants docked at the Port of Santos, marking the beginning of what would grow into the largest Japanese community outside Japan: the Brazilian one.

The initial settlers made their homes in São Paulo and Paraná—

today, still the states with the largest Japanese populations. But the Amazon also played a significant role in this migration story. From the late 1920s, immigrants began arriving in Pará and Amazonas. One town, in particular, became a key hub: Tomé-Açu, in Pará, which today ranks as the third-largest Japanese colony in the country.

According to Silvio Shibata, former president of the Associação Cultural e de Fomento Agrícola de Tomé-Açu (ACTA) [Tomé-Açu Cultural and Agricultural Development Association] and a descendant of immigrants, Pará governor Antônio de Souza Castro found out in 1926 about Japanese coffee cultivation in São Paulo, so he considered encouraging

migration to Pará as well, with the aim of developing local agriculture. He then contacted the Japanese ambassador in Rio de Janeiro with the proposal. However, it was only in 1929, during the administration of Dionísio Bentes, that the first wave of immigrants arrived in the state. "The first families arrived in the region on September 22, 1929. There were 42 families, consisting of 189 members, who arrived in what was then still the municipality of Acará, but which, with emancipation, is now the municipality of Tomé-Açu. The Pará government promised to donate an agricultural plot to each family for the cultivation of vegetables, tobacco, and cocoa," says Shibata.

At the time, Japan was experiencing a severe recession. There were too many inhabitants for not enough food, so the process was also of interest to the Japanese government. According to historian Tatsuo Ishizu, also a descendant of immigrants, Japan had an expansionist agenda. "In 1931, for example, Japan invaded northern China, in the region called Manchuria, and

began colonization there. In the same way, they intended to establish themselves here in the Amazon," explains Ishizu. Coupled with this were the resources and ambitions of Japanese companies. "The Kanebo company acquired land in Tomé-Açu and Monte Alegre for the Japanese to cultivate cocoa," adds the expert.

MONTE ALEGRE

The other municipality that hosted Japanese immigrants in Pará was Monte Alegre, in the western region of the state. "The company brought the Japanese people to live permanently in the Amazon. They were not supposed to work and return. The first migration wave, before World War II, brought around 2,400 immigrants to the two municipalities in Pará state. In Monte Alegre, the plan was to produce tobacco; and in Tomé-Açu, cocoa. However, both projects failed, and the company abandoned the settlers to their fate in the 1930s. The result was that most of the immigrants from Monte Alegre moved to Tomé-Açu," Ishizu tells.

# Tomé-Açu teve campo de concentração durante a Segunda Guerra

**D**urante a Segunda Guerra Mundial, os nipônicos que moravam em terras brasileiras sofreram as consequências do conflito. “Os japoneses passaram a ser considerados inimigos da pátria. Todos os pertencentes das famílias japonesas foram tomados pelos soldados e foi criado um campo de concentração em Tomé-Açu, que aprisionou não só japoneses, mas imigrantes de outras nacionalidades inimigas, como italianos e alemães. Foi um período muito difícil”, lamenta Silvio Shibata.

Contudo, no pós-guerra, se iniciou uma nova onda migratória para a Amazônia, com maior disponibilidade pelas cidades da região. “Como os japoneses perderam a guerra; se não foram mortos, foram expulsos de onde estavam, e muitas famílias tiveram que voltar para o Japão. Isso se tornou um fenômeno crítico para o país, que já estava destruído econômica e estruturalmente e não tinha condições de absorver todas essas pessoas. Assim, o governo iniciou um processo de colonização de áreas do próprio Japão que ainda eram pouco povoadas, ou enviar imigrantes para outros países”, relembra o historiador Ishizu.

A própria família de Ishizu iria para Hokkaido, ao norte do Japão, mas acabou migrando para Belterra, no oeste paraense. “O governo fazia esse recrutamento e propuseram vir para a Amazônia, porque era promissor. Então minha família veio, em 1955. Mas outras regiões também receberam japoneses, como São Miguel do Guamá, no Pará, ou Mazagão, no Amapá”, completa o pesquisador.

## PARINTINS

O segundo estado amazônico que mais recebeu imigrantes japoneses, depois do Pará, foi o Amazonas, ainda no período anterior à guerra, na década de 30. O processo de imigração para o estado foi resultado da crise da borracha vivida na época. Para contornar o problema econômico, o governo do

Amazonas, assim como o paraense, também propôs a doação de terras aos japoneses para o trabalho agrícola. Os principais locais escolhidos foram Maués e Parintins.

“Em 1930, foi fundado em Parintins o Instituto Amazônia, responsável por obras infraestruturais básicas para receber o contingente de japoneses. Ao mesmo tempo, no Japão, foi criada a Escola Superior de Emigração, que preparava jovens para vir à Amazônia, ensinando a falar português, trabalhar a terra e se adaptar ao meio tropical. Os primeiros 47 alunos, chamados Koutakuseis, chegaram em 1931 e continuaram vindo em fluxos anuais, totalizando 253 alunos até 1937”, conta o geógrafo Camilo Ramos, estudioso do tema.

No período, foi criada a Vila Amazônia, que chegou a contar com hospedaria, armazém, portos, serraria, estações meteorológicas, ruas, hospital, redes de água e esgoto, além da sede do Instituto Amazônia e do Hakko Kaikan, o centro de convivência e cultura. A proposta era investir no plantio da juta indiana para produção de sacaria, que acabou encontrando bastante sucesso no local, tornando o Brasil autossuficiente na matéria-prima. Ainda hoje, a juta é um importante cultivo local.

Contudo, o período da Segunda Guerra também teve impactos na região. “A guerra fez cessar o projeto e muitos japoneses foram presos ou se refugiaram na floresta. Tudo o que havia sido construído na Vila Amazônia foi considerado espólio de guerra”, recorda Ramos.

Da Vila Amazônia, hoje, restam apenas as ruínas. Mas um grupo de descendentes busca resgatar o histórico dos imigrantes que construiram o local. “Criamos a Associação Koutaku do Amazonas, cujo maior objetivo é dar sustentação ao legado valioso e precioso edificado pelos nossos pais Koutakuseis”, ressalta Jorge Naito, filho de um Koutakusei e membro da associação.



**Silvio** Shibata conta que, durante a Segunda Guerra Mundial, os japoneses que moravam em terras brasileiras sofreram as consequências do conflito

**Silvio** Shibata says that, during the Second World War, the Japanese who lived in Brazil suffered the consequences of the conflict



## Tomé-Açu had a concentration camp during World War II

During World War II, Japanese immigrants living in Brazil suffered the consequences of the conflict. “The Japanese were considered enemies of the homeland. All the belongings of Japanese families were seized by soldiers, and a concentration camp was created in Tomé-Açu, which imprisoned not only Japanese immigrants but also immigrants of other enemy nationalities, such as Italians and Germans. It was a very difficult period,” laments Silvio Shibata.

However, in the post-war period, a new wave of migration to the Amazon began, with greater dispersion throughout the region’s cities. “Since the Japanese lost the war, if they weren’t killed, they were expelled from their homes, and many families had to return to Japan. This became a critical phenomenon for the country, which was already economically and structurally destroyed and unable to absorb all these people. Thus, the government began a process of colonizing areas in Japan that were still sparsely populated, or sending immigrants to other countries,” explains historian Ishizu.

Ishizu’s own family was originally going to Hokkaido, in northern Japan, but ended up migrating to Belterra, in western Pará. “The government was recruiting, and

they suggested coming to the Amazon because it was promising. So my family came in 1955. But other regions also welcomed Japanese, such as São Miguel do Guamá, in Pará, and Mazagão, in Amapá,” adds the researcher.

## PARINTINS

The second Amazon state to receive the most Japanese immigrants, after Pará, was Amazonas, even in the pre-war period, in the 1930s. The immigration process to the state was a result of the rubber crisis at the time. To overcome the economic problem, the Amazonas government, like that of Pará, also proposed donating land to the Japanese for agricultural work. The main locations chosen were Maués and Parintins.

“In 1930, the Amazon Institute was founded in Parintins, responsible for basic infrastructure projects to accommodate the Japanese contingent. At the same time, the Higher School of Emigration was created in Japan, preparing young people to come to the Amazon, teaching them how to speak Portuguese, work with land, and adapt to the tropical environment. The first 47 students, called Koutakuseis, arrived in 1931 and continued arriving in annual influxes, totaling 253 students by 1937,” ex-

plains geographer Camilo Ramos, a researcher on this subject.

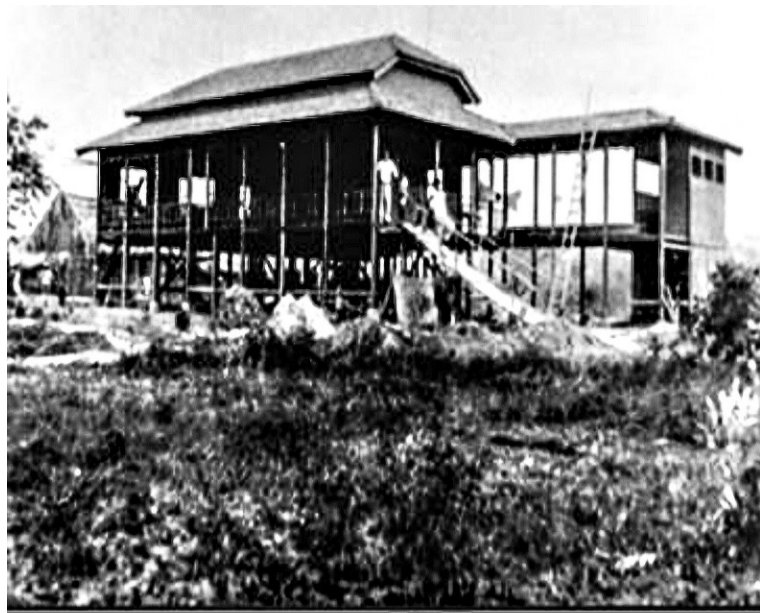
During this period, the Vila Amazônia [Amazon village] was created, comprising inns, warehouse, ports, a sawmill, meteorological stations, streets, a hospital, water and sewage systems, as well as the headquarters of the Amazon Institute and the Hakko Kaikan, the community and cultural center. The plan was to invest in the cultivation of Indian jute for sack production, which proved quite successful locally, making Brazil self-sufficient in the raw material. Jute remains an important local crop today.

However, World War II also had an impact on the region. “The war halted the project, and many Japanese were imprisoned or took refuge in the forest. Everything that had been built in Vila Amazônia was considered war booty,” recalls Ramos.

Today, only ruins remain of Vila Amazônia. But a group of descendants is seeking to reclaim the history of the immigrants who built the site. “We created the Koutaku Association of Amazonas, whose main objective is to support the valuable and precious legacy built by our Koutakusei parents,” emphasizes Jorge Naito, son of a Koutakusei and member of the association.

**A Associação**

Cultural e de Fomento Agrícola de Tomé-Açu (Acta) busca manter e preservar a cultura, os costumes, a língua e a história da comunidade

**The Tomé-Açu**

Cultural and Agricultural Development Association (Acta) preserves the community's culture, customs, language, and history



## Tradições são preservadas pelos descendentes

Em Tomé-Açu, a garantia da manutenção das tradições japonesas é forte. A Associação Cultural e de Fomento Agrícola de Tomé-Açu (Acta) busca manter e preservar a cultura, os costumes, a língua e a história da comunidade. “Temos o Museu Histórico da Imigração Japonesa, o único da região Norte; a escola de língua japonesa mais antiga do Brasil, criada em 1931; e a escola Nikkei, que ensina alunos desde o nível fundamental menor até o nível médio”, destaca Silvio Shibata. “Também praticamos beisebol, softball, gateball e golfe, e já tivemos também praticantes de sumô”, completa.

A comunidade realiza ainda, anualmente, o Festival do Japão, que envolve oficinas, venda de comidas japonesas, atrações culturais e o ritual Bon Odori. “No Japão, o Bon Odori é uma homenagem que se faz às pessoas que já partiram desse mundo. Nada mais é do que uma dança. Então, nós nos reunimos e promovemos es-

se congreamento entre o povo japonês, mas também entre o povo brasileiro. As pessoas vão vestidas a caráter, de quimono, e a participação popular é muito grande, com cerca de 3 mil pessoas”, diz. Neste ano, o Festival ocorreu na última sexta-feira, 18, e no sábado, 19.

**EMPENHO**

Shibata é um exemplo de descendente empenhado em preservar a memória de seus ancestrais. Depois de atuar na Marinha Mercante, decidiu voltar para a sua terra natal e hoje se dedica à agricultura do cacau em Safta. Foi diretor da cooperativa agrícola local e, por três mandatos, presidente da Acta.

“Tomé-Açu tem uma comunidade japonesa conhecida não apenas nacional, como internacionalmente. Foi o berço da imigração japonesa na Amazônia. Os pioneiros deixaram para nós muitos legados. É importante preservar e mostrar a importância de manter suas raízes”, conclui.



## Traditions are preserved by descendants

In Tomé-Açu, the preservation of Japanese traditions is a strong commitment. The Associação Cultural e de Fomento Agrícola de Tomé-Açu (Acta) [Tomé-Açu Cultural and Agricultural Development Association] preserves the community's culture, customs, language, and history. “We have the Japanese Immigration History Museum, the only one in the North region; the oldest Japanese language school in Brazil, established in 1931; and the Nikkei school, which teaches students from elementary to high school,” emphasizes Silvio Shibata. “We also play baseball, softball, gateball, and golf, and we’ve even had sumo wrestlers,” he adds.

The community also holds the annual Japan Festival, which includes workshops, Japanese food sales, cultural attractions, and the Bon Odori ritual. “In Japan, Bon Odori is a tribute to those who have passed away from this world. It’s nothing more than

a dance. So, we come together and promote this celebration among the Japanese people, but also among the Brazilian people. They dress up in traditional kimonos, and the public participation is huge, with around 3,000 people,” he says. This year, the festival took place last Friday the 18th and Saturday the 19th.

**EMPENHO**

Shibata é um exemplo de descendente empenhado em preservar a memória de seus ancestrais. Depois de atuar na Marinha Mercante, decidiu voltar para a sua terra natal e hoje se dedica à agricultura do cacau em Safta. Foi diretor da cooperativa agrícola local e, por três mandatos, presidente da Acta.

“Tomé-Açu tem uma comunidade japonesa conhecida não apenas nacional, como internacionalmente. Foi o berço da imigração japonesa na Amazônia. Os pio-

neiros deixaram para nós muitos legados. É importante preservar e mostrar a importância de manter suas raízes”, conclui.

**DEDICATION**

Shibata is an example of a descendant who is deeply committed to preserving the memory of his ancestors. After serving in the Merchant Navy, he decided to return to his hometown and now is dedicated to cocoa farming in Safta. He was the director of the local agricultural cooperative and served three terms as president of ACTA.

“Tomé-Açu is home to a Japanese community that is recognized not only nationally, but internationally. It was the birthplace of Japanese immigration in the Amazon. The pioneers left us many legacies. It’s important to preserve and highlight the value of maintaining our roots,” he sums up.

**PARCERIA INSTITUCIONAL**

A produção do Liberal Amazon é uma das iniciativas do Acordo de Cooperação Técnica entre o Grupo Liberal e a Universidade Federal do Pará. As reportagens que envolvem pesquisas e estudiosos da UFPA são revisadas por profissionais da academia. A tradução do conteúdo é também realizada pelo acordo, através do projeto de pesquisa ET-Multi: Estudos da Tradução: multifaces e multisemioses.

**INSTITUTIONAL PARTNERSHIP**

The production of Liberal Amazon is one of the initiatives of the Technical Cooperation Agreement between the Liberal Group and the Federal University of Pará. The articles involving research from UFPA are revised by professionals from the academy. The translation of the content is also provided by the agreement, through the research project ET-Multi: Translation Studies: multi-faces and multisemiotics.